

Jornal *O Dia* e o jornalismo em transição nos anos 1950¹

Nilsângela Cardoso LIMA²
Universidade Federal do Piauí, Teresina, Piauí

Resumo

O presente artigo tem por interesse compreender as permanências e as mudanças que ocorreram no campo jornalístico, ao longo da história da imprensa brasileira e piauiense, sobretudo, nos anos 1950, quando se discutia a importância da objetividade e da imparcialidade como critérios indispensáveis para a produção das notícias. Nesse intuito, foram analisadas as matérias publicadas no jornal *O Dia*, no período de 1951 a 1954, que discutiam sobre o fazer jornalístico de Teresina (PI). A teoria e a metodologia adotadas foi a da análise do discurso. A par da ampla discussão teórica sobre a análise do discurso, dar-se-á preferência aos conceitos elaborados por Michel Foucault (2009; 2010), na tentativa de compreender, através do discurso autorreferencial, como se deu o processo de regularização de uma *prática discursiva* para o jornalismo de *O Dia*.

Palavras-chave: jornalismo; história do jornalismo; análise do discurso. *O Dia*.

1 Introdução

A primeira metade do século XX é um período marcante para estudar as mudanças e permanências que ocorreram no campo jornalístico. A importância da objetividade e da imparcialidade como critérios indispensáveis para a produção das notícias era tema constante nas matérias publicadas no Brasil, naquele período, quando se buscava autonomia do campo e acompanhar as transformações do jornalismo europeu e norte-americano. Analisando a história da imprensa brasileira no período de transição da pequena para a grande imprensa, no final século XIX e início do século XX, Nelson Werneck Sodré (1983) pontua o paradoxo vivenciado pelas empresas jornalísticas no contexto de instalação do capitalismo econômico no país. Entendendo a implementação da grande imprensa em conjunto com as transformações urbanas e sociais promovidas com a ascensão da burguesia e o avanço do capitalismo, o autor afirma que tais transformações que aconteceram no Brasil não foram suficientes para eliminar as relações estreitas existentes entre a imprensa e o poder político. A imprensa, que se estruturava como empresa capitalista, é forçada a acomodar-se ao poder político.

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Ciências da Comunicação pela UNISINOS. E-mail: nilcardoso@gmail.com.

A lenta mudança no âmbito da economia brasileira não provocou rupturas no poder que se manteve com conteúdo pré-capitalista; de maneira que a imprensa, ainda subordinada ao Estado e ao capital comercial, permaneceu como servidora de um poder, sobretudo, nas fases de inquietações políticas. Nesse período de transição da pequena para a grande imprensa, Nelson Werneck Sodré (1983) acentua que o comportamento mais perceptível na imprensa foi o surgimento de novos jornais de oposi o política e/ou a compra da opinião do jornal para servir de veículo ao ideário de partido político.

No Brasil, e no Piauí não foram diferentes, as tipografias instaladas no século XX ainda tinha em seu bojo o interesse de que elas funcionassem como tribunas dos políticos e/ou partidos políticos as quais pertenciam ou haviam sido arrendadas. Certos espaços da página do jornal eram reservados para publicar as discussões e os debates oriundos das querelas políticas partidárias locais. Partindo do exposto,   que se delinea o tema da pesquisa deste trabalho, que tem por objetivo compreender as permanências e as mudanças que ocorreram no campo jornalístico, ao longo da história da imprensa brasileira e piauiense, sobretudo, nos anos 1950, quando a objetividade e a imparcialidade são apontadas nas matérias analisadas de *O Dia*, no período de 1951 a 1954, como critérios indispensáveis para a produ o das notícias. Considerando que neste período, em Teresina e no Piauí, surgiram vários órgãos de imprensa que ainda mantinham liga es muito estreitas com os partidos políticos, aqui se pretende analisar apenas o jornal *O Dia*, fundado por Raimundo Leão Monteiro, em 01 de fevereiro de 1951, que se intitulava como um órgão “independente, político e noticioso” a fim de singularizar-se em rela o aos demais jornais existentes naquele tempo e que eram mantidos financeiramente por políticos ou partidos políticos.

Embora a historiografia da imprensa brasileira acabe, ao mesmo tempo, por abordar o jornalismo em terras tropicais, deve-se reconhecer que “imprensa” e “jornalismo” não são sin nimas um do outro³. A par desses conceitos, arrisca-se a afirmar que o jornalismo é um campo de saber regulado por um conjunto de normas técnicas e editoriais e por preceitos jurídicos,  ticos e morais que determinam as possibilidades e os limites dos sujeitos que produzem o discurso jornalístico com a pretensão de apresentá-lo ao leitor como uma

³ Citando Jorge Cláudio Ribeiro, autor do livro “Sempre alerta”, os autores Antonio Hohlfeldt e Rafael Rosinato Valles (2008, 59) diferenciam jornalismo, imprensa e empresa jornalística da seguinte forma: “o jornalismo como *conjunto de técnicas, saber e  tica voltado para capta o de informa es*; imprensa como *divulga o periódica de notícias, feita normalmente através de jornais e revistas*; e empresa jornalística como *estrutura econ mica destinada à comercializa o do material impresso* [grifos dos autores]”. Contudo, vale frisar que Nilson Lage (1987, p. 58), em seu “vocabulário crítico” aponta que a imprensa é o mesmo que jornalismo.

verdade através dos jornais. Sem perder de vista os interesses da coletividade, vale destacar ainda que o jornalismo é determinado pelas condições históricas em que ele se apresenta, podendo até sofrer alterações, a partir do contexto político e do *lugar* social em que ele é praticado.

Daí, uma questão complexa se apresenta para o jornalismo piauiense do período recortado para o estudo: é um tipo de jornalismo que se pretende informativo e objetivo, mas que não deixou de ser opinativo e imparcial, uma vez que eram usados para servir de arma política e de instrumento de orientação da opinião pública. Até porque, como afirma Luiz Beltrão (1960, p. 74), “os veículos de comunicação ‘independentes e noticiosos’ dos nossos dias não renunciam ao direito de opinar, salvo quando exageradamente mercenários; ao mesmo passo, os órgãos predominantemente opinativos, têm de ser imparciais e exatos nos relatos, dos quais extraem as suas deduções doutrinárias, porquanto, conforme o axioma da profissão – a informação é sagrada, mas o comentário, livre”.

Devido à carência de uma bibliografia sobre a imprensa e o jornalismo do Piauí, no período estudado, e à farta informação sobre os próprios jornais e jornalistas contidas nas matérias que foram pesquisadas, pretende-se compreender como se deu o processo de instalação dos jornais *O Dia*, em Teresina, através do discurso autorreferencial e como cada um deles buscou instituir competências jornalísticas e regulamentos para a sua redação. Para Antônio Fausto Neto (2006), a autorreferencialidade nas mídias é a competência discursiva que os dispositivos midiáticos possuem de poder falar de si mesmos, e dos outros campos sociais, em contextos históricos e sociais específicos. Mesmo que o autor conceitue autorreferencialidade para os processos midiáticos contemporâneos, a sua abordagem teórica ajuda a entender a mídia e sua capacidade autoreferencial de construir uma inteligibilidade sobre o próprio universo através do discurso jornalístico, que se vale de certa autonomia das suas “regras de produção”, para lançar o seu dizer, dar existência as suas operações e que incide nas “leis”, com que esse campo define a sua própria identidade.

Fernanda Lima Lopes ([s.d]) explicita que, além de ser relativamente comum a autorreferência nas matérias jornalísticas, nestas são pautadas as rotinas do interior das redações, os jornalistas reforçam valores de sua época, expõem características do seu trabalho, colocam-se em oposição a outros grupos sociais etc. Com isto, a autora defende que o jornalista, através do discurso autorreferencial, constrói, ao mesmo tempo, estratégias de negociação da autoridade jornalística e do seu poder de fala frente à sociedade, assim como expõe certos aspectos de sua identidade para reforçar alguns dos seus valores. Nesse

sentido, o estudo sobre o jornal *O Dia*, em parte, se organiza a partir da autorreferencialidade, ou seja, através das matérias em que os jornalistas falam de si e dos outros e que deixam pistas para entender o processo de produção do discurso jornalístico e as estratégias utilizadas pelas redações para se apresentarem como detentores de um poder de fala. Igualmente, foi dada atenção especial para as matérias em que há referências sobre o surgimento dos jornais e suas características editoriais, gráficas e jornalísticas e que tratam sobre a categoria dos jornalistas.

Seguindo a linha teórica e metodológica de Michel Foucault (2009; 2010), que entende que o discurso está na ordem das leis e que toda produção de discurso é, ao mesmo tempo, controlada, selecionada, organizada e redistribuída por um conjunto de procedimentos externos e internos de controle, é que se pretende analisar como se deu o processo de regularização de uma *prática discursiva* para o jornalismo de *O Dia* nos anos 1951 a 1954, de acordo com os interesses políticos partidários dos jornais que davam início a suas atividades de produção e das proposições ditadas pelo modelo de jornalismo moderno que se pretendia implantar no Brasil.

É a partir do momento em que o campo do jornalismo passava por transformações e estava buscando sua autonomia, em relação às esferas literárias e políticas, que se nota, de forma mais nítida, a constituição de práticas discursivas segundo o ideário da informação objetiva, neutra, imparcial, sincera e verdadeira. Ao tempo em que ficava estabelecido para o jornalismo brasileiro o caráter informativo e noticioso como critérios indispensáveis para o reconhecimento da verdade de seus editoriais, houve também a necessidade de redefinir seus métodos e suas regras de produção de discurso. Entende-se, portanto, que procedimentos externos e internos ao discurso jornalístico foram acionados pelos diferentes jornais, para manter o seu controle, sendo reforçados e conduzidos por um conjunto de práticas.

Para Michel Foucault (2009; 2010), o discurso é uma prática e esta possui um suporte histórico e institucional de onde partem as regras que limitam as suas condições de aparição e sua especificidade. Esse conjunto de regras é próprio da *prática discursiva* definida como “um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, em uma dada época e para uma determina área social, econômica, geográfica ou linguística, as condições de exercício da função enunciativa” (FOUCAULT, 2010, p. 133). Por ser o jornal um dos suportes usados pelos próprios jornalistas para regularem sua prática e o *lugar* onde o discurso jornalístico encontra sua ascendência legítima e seu ponto

de aplicação, nos anos 1950, determinadas estratégias foram adotadas pelos proprietários dos jornais e pelos jornalistas, para estabelecer regras de formação discursiva, para que o campo do jornalismo ganhasse autonomia e fosse reconhecido como informativo, noticioso e objetivo, critérios indispensáveis para o reconhecimento da verdade do discurso jornalístico.

Nesse sentido, as proposições de análise do filósofo Michel Foucault (2009; 2010) são esclarecedoras para o entendimento dos procedimentos de controle da produção do discurso jornalístico dos anos 1950, no momento em que regras e convenções passam a ser ditas como reguladoras do jornalismo, com a pretensão de legitimá-lo como um discurso verdadeiro. Considerando que os órgãos de imprensa se constituíram como *lugares institucionais* de fala autorizada e que o jornalista alcançou *status* suficiente para lhe garantir critérios de competência e de saber, buscou-se compreender algumas das regras colocadas para o jornalismo piauiense dos anos 1950, que se encontravam em processo de descontinuidade, dispersas nos exemplares do jornal *O Dia*, sobretudo, nas matérias de autorreferência.

2 “Órgão independente, político e noticioso”: mudanças e permanências do jornalismo de *O Dia* nos anos de 1951 a 1954

O jornal *O Dia* teve a sua primeira edição impressa no dia 01 de fevereiro de 1951. Fundado na cidade de Teresina, pelo professor Raimundo Leão Monteiro, o jornal teve sua tipografia instalada num galpão do quintal de sua casa. Inicialmente, o jornal era matutino dominical e circulava semanalmente com quatro, seis ou até oito páginas, no formato tabloide. Mais tarde, passou a circular nas quintas-feiras e aos domingos com dez ou doze páginas, nas quais eram organizadas seções que abordavam diferentes temas em notícias, artigos, crônicas, humor, coluna social, cartas do leitor, matérias pagas e anúncios. Além de proprietário, Raimundo Leão Monteiro também assumiu a responsabilidade de diretor-redator de *O Dia* e teve como redator-chefe, em 1951, o escritor Buggy Brito, que logo depois foi substituído por Alencar Soares.

A frase “Órgão Independente, Político e Noticioso”, estampada na primeira e última página do jornal *O Dia* era usada para definir os propósitos da sua linha editorial, e, por conseguinte, enquadrar o tipo de jornalismo produzido por sua equipe de redação. Apresentado como um “lema” desde a sua primeira edição, em 1951, o termo “independente” forjava uma identidade para o jornal, ao frisar sua “independência” financeira em relação aos partidos políticos, visto que o órgão não era sustentado

diretamente por nenhum deles. Essa situação o diferenciava dos outros jornais que circulavam em Teresina no mesmo período e alimentava a ideia de manter um tipo de jornal sem interesses partidários, seguindo critérios de “imparcialidade” e “objetividade” e como um direcionamento da prática jornalística por ele desempenhada.

O posicionamento de *O Dia* no campo jornalístico piauiense é claro nas matérias de autorreferência: propunha manter-se equidistante dos partidos, grupos e facções políticas, sem recuar da trincheira de resistência na defesa dos interesses da coletividade. Através do argumento de que o compromisso de *O Dia* era com o povo e não com o partidarismo, o jornal justificava a ação dos seus jornalistas na produção de um discurso jornalístico voltado à formação da opinião pública e à crítica contra os homens públicos que se desvirtuassem do seu programa de governo.

Nas matérias havia a informação de que a redação de *O Dia* se empenharia em travar batalhas discursivas com os demais jornais já existentes, em 1951, e que ainda estavam subordinados financeira e ideologicamente a um partido político. Como órgão “independente” e “noticioso”, o jornal *O Dia* afirmava em suas páginas que buscava diferenciar sua redação da dos demais jornais, que, ainda presos ao modelo de jornalismo opinativo, político e combativo, deixavam de lado não só os interesses do povo, como também distorciam a verdade sobre o fato político piauiense por estarem “cegos” pela paixão partidária e pelos interesses políticos e pessoais.

Firmando sua posição de “trincheira” na imprensa piauiense, os jornalistas de *O Dia* garantiam que a posição de “guarda”, na “estacada”, seria mantida para revidar as acusações dos “contrariados”, sem que se rebaixassem diante das críticas dos órgãos de imprensa vinculados a políticos ou aos partidos políticos do Piauí e as ameaças por eles endereçadas⁴. A autorreferenciação que o jornal *O Dia* fazia de si, direta ou indiretamente, apontava para a marcação de um jornalismo pautado nos padrões “modernos” de imparcialidade e de objetividade, já idealizados pelos jornalistas brasileiro dos anos 1950, buscando singularizar-se como um lugar de “estabelecimento de verdades” (RIBEIRO, 2007, p. 30).

Neste período, começa a ser exigido do jornalista de *O Dia* certo distanciamento da sua inclinação política e da paixão partidária, ao escrever uma matéria. Esta exigência aparecia nas matérias como uma regra da redação, ao mesmo tempo em que se determinava como função do jornalista a obrigação de defender os direitos da coletividade e censurar os

⁴ NÃO TEMEMOS ARREMEDOS. *O Dia*. Teresina, ano I, n. 28, p. 1, 12 out. 1951; MANOBRA INDECOROSA. *O Dia*. Teresina, ano I, n. 34, p. 1, 23 set. 1951.

erros e os desmandos dos que estavam no poder. Para o jornal *O Dia*, os jornalistas desempenhavam o papel de “censores públicos”, eram “orientadores políticos”, “auxiliares do governo” e “responsáveis pela coletividade piauiense”. Para esta competência, foram determinadas várias atribuições a sua equipe de redação e apontada a importância do seu compromisso ético, moral e profissional na produção da notícia.

Ao longo das edições de *O Dia*, de 1951 a 1954, corriqueiramente, publicava-se nas páginas de *O Dia* matérias chamando atenção dos jornalistas para a importância do seu papel no desenvolvimento de uma imprensa veiculadora da verdade. Dentre os jornalistas de *O Dia*, havia um que assinava com o pseudônimo Claudius que se propôs a analisar o tipo de jornalismo que se praticava no Piauí no início da década de 1950 e chamou a atenção dos jornalistas para a produção da notícia. Na matéria “Ratificando trincheiras”, publicada em *O Dia* a 07 de junho de 1953, Claudius analisava que o jornalista deveria escrever de forma clara e ser honesto na emissão de conceitos sobre fatos e pessoas. Para ele, o uso de uma linguagem comedida e serena, tanto quanto possível de ser usada no jornalismo, implicaria o preceito de honestidade do jornalista e na verdade da notícia por ele produzida (CLAUDIUS. Ratificando trincheiras. *O Dia*. Teresina, 7 jun. 1953, ano III, n. 123, p. 1). Claudius entendia que o “ódio incontido” ou a “paixão turbulenta”, quando empregada pelo jornalista na produção da notícia e na apreciação do fato político, era incompatível com a “razão”, o que deveria ser uma regra indispensável para o jornal *O Dia* e para quem escrevia para o povo de forma “honesto” e “sincero”, no esclarecimento da ação dos homens públicos.

O aniversário do primeiro ano de existência do jornal *O Dia* foi tema de algumas matérias publicadas nas edições de janeiro e de fevereiro de 1952. Mais do que a opinião do diretor de *O Dia* sobre o tipo de jornalismo praticado em sua redação, o semanário recebeu cartas, telegramas e foi congratulado através de matérias publicadas por outros jornais de Teresina, alguns transcritos e reproduzidos nas páginas de *O Dia* em fevereiro de 1952. Dentre as transcrições das manifestações de apreço pelo trabalho realizado pelo jornal *O Dia*, no transcurso do primeiro ano de plena atividade jornalística, vale destacar as congratulações dos órgãos *A Cidade* e *O Pirralho*, publicadas na edição de 10 de fevereiro de 1952.

A nossa confrreira “A CIDADE”, órgão do Diretório Municipal e da Bancada de Vereadores da U.D.N., assim se referiu a respeito de nosso aniversário, a 1º do corrente:

“Completa hoje um ano de existência de nosso confrade “O Dia”, que como todos os jornais de nossa terra, vai sobrevivendo graças à dedicação e aos esforços dos seus dirigentes.

A CIDADE apresenta aos colegas de “O Dia” sinceros votos de felicidades na data de hoje, e que continuem sempre lutando pela resolução dos problemas de nosso Piauí”. [grifos do autor]

“O Pirralho”, o brilhante hebdomadário piauiense de interesses gerais, noticiando o transcurso do nosso 1º ano de existência, publicou o seguinte: Registramos, com prazer, o transcurso, a primeiro do corrente, do primeiro aniversário do órgão “O Dia”, dirigido pelo sr. Leão Monteiro e que tem como redator-secretário o sr. Alencar Soares.

Jornal de feição moderna, abrigando nas suas colunas vasto noticiário político, de orientação independente, o vibrante matutino se tem imposto a admiração do povo piauiense, mercê de sua linguagem comedida, de sua crítica firme e da combatividade com que defende os interesses públicos. O “O Pirralho”, nesta oportunidade, leva a “O Dia” os seus votos de prosperidade” [grifos do autor].

Sensibilizados com as provas de apreço de quantos nos enviaram os seus votos de felicitações, manifestamos, nesta oportunidade, os nossos sinceros agradecimentos (ECOS DO NOSSO ANIVERSÁRIO. O Dia, Teresina, ano II, n. 54, p. 3, 10 fev. 1952).

As matérias citadas destacam o esforço do proprietário e dos diretores para manter financeiramente o jornal *O Dia* em circulação. Enquanto *O Pirralho*, dentre outros aspectos, buscava destacar a feição moderna do jornal, por abrigar em suas colunas um “vasto noticiário político” escrito com uma linguagem comedida, ao mesmo tempo em que produzia críticas firmes e combativas para defender os interesses do povo; o jornal *A Cidade* preferiu dar maior ênfase à dedicação dos dirigentes de *O Dia* para firmar sua posição de luta no campo do jornalismo e na resolução dos problemas do Piauí.

Contudo, nem sempre a opinião do jornal *A Cidade* foi assim, comedida e exposta de forma positiva. Em 1952, por exemplo, no jornal *A Cidade* foi publicada uma matéria denominando os jornalistas de *O Dia* de “mercenários”, sob a alegação de que eram pagos para “elogiar os escroques e os ladrões e atacar os homens de bem” (RÉPLICA. *O Dia*. Teresina, 10 ago. 1952, ano II, n. 80, p. 1). A acusação feita pelo jornal udenista *A Cidade* teve a resposta dos jornalistas de *O Dia*.

O jornal *O Dia* rebatia as críticas afirmando que a sua redação e oficina foram instaladas, em 1951, para defender os direitos dos “fracos” e dos “perseguidos” e não para fazer “comércio” da produção de matérias jornalísticas, a favor de determinados políticos (EXÓTICA CARTA RECEBIDA DO RIO. *O Dia*. Teresina, 17 ago. 1952, ano II, n. 81, p. 5). Neste momento em que a troca de favores e as matérias pagas ainda eram comuns na imprensa brasileira (RIBEIRO, 2007), o proprietário do jornal *O Dia* discursivamente

afirmava que preferia enfrentar as adversidades de ordem financeira de sua oficina, para não colocar em dúvida a “independência” política e partidária da linha editorial projetada para o órgão, não aceitando, portanto, receber subvenções do governo estadual e/ou municipal, ou dos grupos, facções ou partidos políticos.

A questão do “apartidarismo” da linha editorial de *O Dia* aparecia com frequência nas matérias, como uma regra da prática jornalística da sua redação. Mesmo quando o principal tema de uma matéria era a querela político-partidária, o jornal firmava seu ideal “apartidário”, a fim de se impor frente ao público leitor como um órgão de imprensa veiculadora da “verdade” sobre o fato político piauiense, em virtude da sua “imparcialidade”, que era norma seguida pelo jornal. Nesse sentido, na matéria “A nossa imprensa”, o jornalista apresenta alguns dados sobre a recepção e o consumo do jornal em Teresina como um resultado da “imparcialidade” das matérias veiculadas em suas páginas:

Nós, felizmente, apesar de independentes dos mais conscienciosos e sensatos não nos sentimos fracos ainda. Pelo contrário, estamos firmes e bem firmes, certo na continuação de nossos ideais. E lutamos com tôdas as adversidades. [...] Nossa capital, que tem, mais ou menos, uma população de 70 mil habitantes, não está ainda, como devia, habituada à leitura de jornais. Todavia, contamos, com muito desvanecimento, com a acolhida que nos é feita pelo povo sensato e inteligente que nos acompanha, com o aplauso de nossos distintos leitores que só veem em nós a flâmula ardente de bem orientarmos e conseguirmos um ambiente mais feliz e fértil para a política piauiense. E o atestado convincente desta afirmativa é termos sempre esgotadas as nossas edições.

Assim, esperando continuarmos gozando preferência honrosa do povo que nos lê, sentimo-nos cada vez mais fortes para combatermos as mazelas dos homens públicos do Piauí, convictos de que, praticando a imprensa dignificante e honesta, sobreviveremos a tôdas as dificuldades e aos jornais governistas, que são amarelos (A NOSSA IMPRENSA. *O Dia*, Teresina, ano II, n. 88, p. 1, 5 out. 1952).

No desfecho da matéria acima, a redação de *O Dia* fez questão de demarcar as diferenças entre os jornais que, em 1951, nasciam, ainda, subordinados financeiramente aos políticos, partidos ou facções políticas e, por isso, mantinham uma linha editorial dependente da doutrina de um partido ficando presos ao jornalismo de opinião, doutrinário e marcados pela paixão dos debates políticos partidários. Na medida em que *O Dia* denominava os “jornais governistas” de “amarelos”, direta ou indiretamente, lhes imputava uma carga pejorativa, em termos redacionais, uma vez que esta era a denominação empregada para a escrita jornalística sensacionalista, opinativa e descompromissada com a verdade para atingir determinados interesses (ROMANCINI, 2007). Esse perfil jornalístico,

à época, suscitava críticas provocando exigências de mudanças, para um jornalismo mais objetivo e comprometido com a realidade dos fatos.

Cunha e Silva, jornalista que assinava uma coluna no jornal *O Dia*, foi um dos defensores de que a imprensa do Piauí já se encontrava consolidada nos anos 1950 e que o modelo de jornalismo praticado nos órgãos existentes não se distanciava daquele desenvolvido em outras capitais do Brasil, inclusive do jornalismo do Rio de Janeiro. Apesar de fazer esta declaração em defesa da imprensa e do jornalismo de Teresina, nos anos de 1951 a 1954, Cunha e Silva não escondia que os jornais locais encontravam-se divididos de acordo com a posição dos partidos políticos que os mantinham no poder. Ou seja, a imprensa encontrava-se polarizada em “situação” ou “oposição”, tendo como maior ponto de definição dos polos, o partido que ocupava a chefia do poder executivo estadual. A par disso, em 1951, Cunha e Silva fez uma avaliação da imprensa brasileira e acentuou que eram poucos os jornais verdadeiramente imparciais e independentes. De um lado, estavam os jornais que defendiam o governo; do outro, aqueles que o criticavam. Contudo, na sua visão, a partir do momento em que os órgãos de imprensa fechavam suas atribuições apenas para expor sua visão sobre a administração do governo do Estado ou do município, deixavam de exercer sua verdadeira função.

Nas matérias publicadas nas edições de 1951 e 1954 que faziam autorreferência à linha editorial determinada para *O Dia*, foram encontradas algumas expressões que buscavam construir uma identidade para o jornal como sendo um dos melhores da imprensa existentes em Teresina, e no Piauí naquele período. “Altivo cabeça vermelha”, “jornal das multidões”, “apóstolo da imprensa piauiense” e “símbolo da verdade”, foram algumas das expressões encontradas no jornal para imprimir uma identidade à prática jornalística exercida por sua equipe de redação, cujos discursos eram cunhados pelo lema “independente, político e noticioso”. Segundo os dados publicados nas edições de *O Dia* de 1953, o jornal procurava cumprir sua missão sem subserviência e paixão partidária, noticiando o fato político piauiense independentemente de cor partidária. Além disso, o jornal *O Dia* afirmava que cabia ao jornalista, empregado na sua redação, narrar os fatos sem os “baralhar e confundir” o leitor⁵.

Na matéria “Em marcha”, assinada pelo político Chrysippo de Aguiar, é traçado um histórico da trajetória do órgão nos três primeiros anos de sua atividade jornalística. Segundo Chrysippo de Aguiar, o proprietário de *O Dia*, Raimundo Leão Monteiro, aspirava

⁵ ADEUS, PROCESSO. *O Dia*. Teresina, ano III, n. 128, p. 4, 12 jul. 1953; JULIANO, João. Cabeça virada. *O Dia*. Teresina, ano III, n. 128, p. 8, 12 jul. 1953.

enriquecer a imprensa piauiense com a fundação de um jornal político, sem que tivesse qualquer dependência partidária, movido apenas pelo ideal de defender os interesses da coletividade. A atitude de fundar um jornal sem muitos recursos financeiros demandava “vontade”, “coragem” e “inteligência” do proprietário do jornal *O Dia*, sobretudo, porque não recebia apoio de políticos. Para época, considera que foi um desafio para o articulador do jornal, uma vez que a maioria dos órgãos de imprensa de Teresina e do Piauí surgia como projetos de políticos, interessados em manter em circulação uma folha para divulgação do seu partido e para fazer a propaganda e a defesa de seus correligionários. Assim, Chrysippo de Aguiar explica que Raimundo Leão Monteiro enfrentou alguns obstáculos, não só de ordem financeira devido aos altos custos para manter em funcionamento uma tipografia e um grupo efetivo de funcionários; como também, ouviu palavras de desânimo e atitudes de descrença quanto à longevidade do seu jornal.

Do mesmo modo que Chrysippo de Aguiar, outros leitores e críticos do jornal apresentaram sua opinião sobre a atividade jornalística desempenhada na tipografia de *O Dia*. Em 1954, o jornal foi parabenizado por seu jornalismo “vibrante” e “combativo”, a ponto de ser intitulado “valente órgão defensor da causa pública”⁶. Para um leitor, que assinou uma carta com o nome de Antônio Baptista Calland, acompanhar as edições de *O Dia* o deixava a par dos fatos e das coisas que surgiam no cotidiano de Teresina. Além disso, o autor da carta manifestava seu apreço pelas matérias publicadas no jornal, vistas como “interessantes” e promotoras de uma leitura “amena” e “instrutiva”, qualidades que legitimavam a atuação do órgão como um veículo da verdade, por conter críticas construtivas e dogmáticas.

Na passagem do aniversário do proprietário do jornal *O Dia*, Raimundo Leão Monteiro, foi publicada uma matéria que, além de apresentar regozijo pela data, oferecia informações com o intuito de ratificar que o idealizador do jornal fora vitorioso na sua proposta e que o órgão, em 1954, continuava firme na sua posição de independência partidária, uma vez que não contava com o apoio e o incentivo do poder público.

Jornalista Leão Monteiro

Transcorreu ontem, 5 de junho, o aniversário natalício de nosso Diretor Prof. Raimundo Leão Monteiro, proprietário deste órgão.

Homem de luta, espírito altamente empreendedor e benfeitor, encarna a energia e a tenacidade daqueles que vencendo as dificuldades mesológicas

⁶ AINDA O TERCEIRO ANIVERSÁRIO DE “O DIA”. *O Dia*. Teresina, 28 fev. 1954, ano IV, n. 163, p. 5; RÊGO, J. Fernandes do. Lenha nova para a fogueira. *O Dia*. Teresina, 07 mar. 1954, ano IV, n. 164, p. 5; DR. CHRYSIPPO DE AGUIAR. *O Dia*. Teresina, 25 jul. 1954, ano IV, n. 185, p. 1.

e ambientes, conseguem algo realizar e construir como seja a organização da empresa jornalística “O DIA”, cuja existência surgiu de uma idéia desacompanhada do apóio e incentivo público, mas que, hoje, apresenta-se largamente vitoriosa.

Assim é que hoje dispomos do popularíssimo jornal “O DIA”, vencendo os obstáculos que se propunha antolher os passos do seu fundador e organizador, quebrando barreiras e caminhando para a frente sem desfalecimento, mas com entusiasmo, confiança e fé.

Portanto, é com justo júbilo que “O DIA” cumprimenta neste ensejo o Prof. Raimundo Leão Monteiro, oferecendo-lhe mais uma rosa para a corôa de sua evidente vitória (JORNALISTA LEÃO MONTEIRO. *O Dia*. Teresina, 6 jun. 1954, ano IV, n. 177, p. 6).

Até cinco de junho de 1953, as oficinas do jornal *O Dia* contavam apenas com seis caixas de tipos e uma pequena impressora “Consani”, do tipo “Minerva”. Nessa data, foi adquirida uma máquina Linotipo, modelo 31, considerada “moderna e poderosa” e “super relâmpago”, conforme nota publicada na edição de 14 de junho de 1953. O empreendimento tecnológico, à época, anunciava os sinais da chegada da modernização e melhoramento da impressão dos jornais.

Em 1954, novamente há notícias no jornal de que Raimundo Leão Monteiro pretendia fazer a aquisição de novo equipamento para as oficinas do jornal *O Dia*. O interesse do proprietário em melhorar o equipamento técnico da sua tipografia, nesse momento, se dava em virtude da importância que o jornal alcançou no Estado. Assim, em 24 de janeiro de 1954, foi publicada uma nota no jornal, informando que *O Dia* já circulava em todos os municípios do Piauí e do Maranhão (NOTA. *O Dia*. Teresina, ano III, n. 157, p. 5, 24 jan. 1954). E, em 10 de outubro de 1954, informavam que *O Dia* era o jornal mais importante do Piauí, “[...] com uma circulação completa nas principais cidades do interior do Piauí e também com um número de exemplares por tiragem até agora ainda inigualado, estará, brevemente, com suas oficinas completamente reorganizadas e enriquecidas com a aquisição de novas e moderníssimas máquinas” (PROF. LEÃO MONTEIRO. *O Dia*. Teresina, ano IV, n. 204, p. 1, 10 out. 1954).

Mesmo com o melhoramento das artes gráficas, a partir da chegada da Linotipo, em 1953 e 1954, as dificuldades técnicas vivenciadas na década de 1950 contribuíam para que se publicassem poucas fotos no jornal. Logo, os clichês, geralmente confeccionados no Rio de Janeiro ou em Recife (PE), tardavam a chegar à capital piauiense, o que poderia colocar em risco a publicação do jornal em tempo hábil. As poucas fotografias impressas nas páginas de *O Dia*, no período pesquisado de 1951 a 1954, restringiam-se a fotos de

personalidades políticas e, raras vezes, de pessoas de destaque da sociedade teresinense e piauiense.

Não obstante, na matéria “A nossa imprensa” publicada no jornal *O Dia* de 1952, a redação explicitava que a vida dos jornais que surgiam em Teresina, no início dos anos 1950, era de sacrifícios e de lutas constantes, ao ponto de não durarem muito tempo em circulação. A matéria avaliava que a imprensa no Piauí, em 1952, ainda era muito pobre e vivia em condições financeiras precárias, sobretudo, quando o partido político que sustentava o(s) órgão(s) perdia as eleições. Além da venda do jornal e da publicidade ser insuficientes para a sustentação financeira das tipografias, o jornal *O Dia* ainda informava que alguns governantes, ocupando uma posição de destaque no Estado ou no município, abusavam do poder para publicar notas do executivo na imprensa, sem sequer pagar pelo serviço, como pode ser observado neste fragmento extraído da matéria: “[...] Até notas diversas, que lhes interessam sobremodo, querem que sejam inseridas nas colunas do jornal pobre e precário sem a menor despesa, achando mesmo que é uma obrigação a acolhida de matérias que lhes são utilíssimas, quando, na verdade, podem compensar, monetariamente, a folha que circula com sacrifícios.” (A NOSSA IMPRENSA. *O Dia*. Teresina, ano I, n. 88, p. 1, 5 out. 1952).

3 Considerações finais

Apesar da permanência dos métodos do jornalismo tradicional na imprensa brasileira da década de 1950, isto não impediu que o período fosse marcado por algumas mudanças e transformações do fazer jornalístico. Os autores que se dedicaram à pesquisa da história da imprensa brasileira dos anos cinquenta do século XX são enfáticos na afirmação de que as mudanças que vinham ocorrendo no jornalismo brasileiro foram sedimentadas neste período e ocorreram sob a égide do modelo de jornalismo norte-americano.

Em parte, as mudanças aconteciam ao mesmo tempo em que se buscava a autonomização do campo jornalístico em relação ao campo literário e político. Nesta busca, a “mítica” da objetividade, imposta pelos padrões redacionais e editoriais norte-americanos, foram importantes para que os jornais brasileiros se modernizassem em termos gráficos, linguísticos e de organização empresarial. Todavia, até alcançar a autonomização do campo jornalístico e a legitimidade dos jornais como um *lugar institucional*, que lhe permitisse enunciar verdades, o assunto foi discutido pela imprensa através da publicação de matérias

autorreferenciais, para legitimar o novo modelo de jornalismo objetivo e informativo como uma prática social.

O jornal *O Dia* foi um dos jornais que, nos anos 1951 a 1954, recorte temporal da pesquisa, apontou a importância da objetividade e imparcialidade como elementos indispensáveis para a prática jornalística de Teresina. Do mesmo modo, reforçava a importância da imprensa, não só como meio de informação, mas como um instrumento de formação social. Na matéria “Dignifiquemos a imprensa”, publicada na edição de 6 de julho de 1952, de *O Dia*, o jornal foi considerado como o “catecismo mais preferido do povo”, por ser o principal meio onde a população buscava manter-se informada sobre as decisões políticas que encaminhariam as mudanças ou permanências para o destino do Brasil e do mundo. Assim, considerando que o jornalista e o jornal desempenhava uma respeitável função social, em 1952, o jornal *O Dia* apresentou um alerta para a necessidade de “dignificar a imprensa” (DIGNIFIQUEMOS A IMPRENSA. *O Dia*. Teresina, 6 jul. 1952, ano I, n. 75, p. 1). Já que a imprensa se constituía a partir da ação dos jornalistas na redação, o jornal *O Dia* apontava a urgência para a mudança das práticas jornalísticas, sobretudo, quando o assunto abordado nas matérias era o fato político piauiense.

Referências

- ABREU, Alzira Alves de (Org.). **A imprensa em transição: o jornalismo brasileiro nos anos 1950**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.
- BARBOSA, Marialva. **História cultural da imprensa: Brasil, 1900-2000**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo de opinião**. Porto Alegre, RS: Sulina/ARI, 1980.
- _____. **Iniciação à filosofia do jornalismo**. Rio de Janeiro: Agir, 1960.
- BOND, F. Fraser. **Introdução ao jornalismo: uma análise do quarto poder em todas as suas formas**. Trad. Pinheiro de Lemos. 2. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1962.
- FAUSTO NETO, Antônio. **Mutações no discurso jornalístico: da “construção da realidade” a “realidade da construção”**. 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R1804-1.pdf>. Acesso em: jan. 2014.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2007a.
- _____. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.
- _____. **A ordem do discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Trad. de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 19. ed. São Paulo: Loyola, 2009.
- GAILLARD, Philippe. **O jornalismo**. Lisboa: Pub. Europa-América, 1974.
- HOHLFELDT, Antonio; VALLES, Rafael Rosinato. **Conceito e história do jornalismo brasileiro na “Revista de Comunicação”**. Porto Alegre: EDIPURS, 2008.

- HOHLFELDT, Antonio. Cinquentenário de publicação de Iniciação à filosofia do jornalismo, de Luiz Beltrão. In: **Conexão: comunicação e cultura**. Caxias do Sul, UCS, v. 9, n. 18, jul./dez. 2010.
- JOBIM, Danton. **Espírito do jornalismo**. Rio de Janeiro: Livraria São José, 1960.
- LOPES, Fernanda Lima. Autorreferência, discurso e autoridade jornalística. Biblioteca on-line de Ciências da Comunicação. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/lopes-fernanda-auto-referencia-discurso.pdf>. Acesso em: jan. 2014.
- NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Org.). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006.
- RÊGO, Ana Regina Barros Leal. **Imprensa piauiense: atuação política no século XIX**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2001.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. **Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 1950**. Rio de Janeiro: E-papers, 2007.
- _____. Modernização e concentração: a imprensa carioca nos anos 1950-1970. In: NEVES, Lúcia Maria Bastos P.; MOREL, Marco; FERREIRA, Tania Maria Bessone da C. (Org.). **História e imprensa: representações culturais e práticas de poder**. Rio de Janeiro: DP&A: FAPERJ, 2006. p. 426-435.
- ROMANCINNI, Richard; LAGO, Cláudia. **História do jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1983.
- TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo, porque as notícias são como são**. 2. ed. v. 1, Florianópolis: Insular, 2005.
- _____. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. 2. ed. v. 2, Florianópolis: Insular, 2008.